

Um relato transcrito pelo sorriso: caminhar.

Yan Leite Chaparro
Josemar de Campos Maciel

Resumo: Um relato transcrito pelo sorriso, parte do sentido concreto primeiro de caminhar. O ensaio pede permissão ao leitor para ouvir a escrita por um espaço que caminha entre a literatura e a técnica. No final da tarde de um dia denso, o sorriso traduz ao pesquisador a flexibilidade do caminhar, com e ao lado, não surdo, num jogo de espelhos que entrevê quanto a ação de pensar com os Guarani, pensar a questão dos povos originários, é pensar o Mato Grosso do Sul, o Brasil, a América Latina, o planeta Terra. O ensaio proposto reúne reflexões que constituem parte do processo de construção de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento local. Pesquisa que tem como cunho central a reflexão metodológica que envolve o esforço teórico de organização de simetrias no campo do conhecimento, político e social. O esforço começa pelo primeiro movimento, a construção do campo de pesquisa e a construção da escrita da pesquisa, no caminhar. Que por sua vez reflete o compromisso ético e *êmico* de construir e perceber (com) os Guarani. Não existe fuga quando se está ao lado do Outro, ou mesmo, quando se está defronte ao espelho. O caminho reflexivo metodológico desdobra-se na confecção etnográfica do campo e da escrita como entrefala com os Guarani. Trata-se de uma constante negociação, como ato de reconhecimento no qual esta mesma ação explicita a complexidade que a escrita em primeira-pessoa permite, se e quando se caminha lado a lado - colocando, compulsoriamente, o fazer científico frente ao espelho. A pesquisa, refletindo o tecido metodológico, de natureza etnográfica, inscreve uma trajetória de crítica e desconstrução do modelo hegemônico e homogêneo do desenvolvimento, aquele que produz um modo de vida que, acima e abaixo da pele e do regime dos corpos, produz violências contra os Guarani e contra a sociedade “moderna”, mesmo que esta não perceba.

Palavras-Chave: o campo de pesquisa; a escrita da pesquisa; flexibilidade; estudos do desenvolvimento; crítica ao desenvolvimento hegemônico.

O encontro com o sorriso.

A cidade Campo Grande, o Estado Mato Grosso do Sul, o clima frio, o ar árido e denso. As 17:00 horas da noite um conglomerado de pessoas estão reunidas na praça Ary Coelho, no centro da cidade, ironicamente em uma praça que traz em seu subsolo, na terra por de baixo do piso de concreto que se pisa, histórias e mais histórias mal contadas, narrativas coloniais, como em quase todo canto do impetuoso e ressentido Mato Grosso do Sul. (ver anexo – imagem I e II)

Já passa das 17:30, homens e mulheres, não-indígenas e indígenas, clamam por justiça, mais um indígena foi morto pelo conflito de território. Mais uma vez o Estado Nacional sorri cinicamente de um drama que faz do sangue de alguns a história em carne viva, a história de um lugar que inspira ainda o ar faroestino e colonizador. Mais uma vez a lei do quarenta e quatro não é passado. Mais uma vez a não resolução faz a carne e o espírito estremecer. Mais uma vez a ciência é deixada de lado.

Em meio de falas de ordem, um grupo de mulheres Guarani e Kaiowá inicia um movimento silencioso, passos para o lado esquerdo em círculo pronuncia uma dança, e alguns sorrisos colorem o ar denso com razão. Movimento que rapidamente toma conta de um canto da praça, mulheres não-indígenas são convidadas a dançar. Para os olhos desavisados isso parece algo exótico, estranho, sem sentido. Até ouço de uma senhora que estava passeando pela praça com seu cachorro, talvez seu único amigo, quando diz: *onde você vai? Quer virar índio também.* Não culpo a mulher, transvestida de pessoa urbana de classe média, seu modo de vida não entenderia rapidamente o que estava acontecendo.

A dança continua sem pedir licença, a praça se desloca para outro cenário, outro tempo, outro espaço, outro território, talvez o território escondido no subsolo da praça. A dança que as mulheres Guarani e Kaiowá explicitam sem nenhuma vergonha se chama Guaxiré, uma dança que delicadamente e sensivelmente expressa alegria, expressa uma parte da condição do bem-viver (Teko Porã).

Alegria pronunciada por um sorriso. Sorriso que encara o rosto de uma organização social, seus sistemas políticos, ambientais, econômicos, judiciários e imaginários. Que encara as dores de buscar seu território de direito. Sorriso que faz ironia a velocidade dos carros que passam na avenida Afonso Pena, as infinitas farmácias nas esquinas da cidade, os inúmeros mitos transvestidos de símbolos dos

mais variados tipos, dos mais variados vazios. Uma sociedade que clama a salvação sem desfantasiar as lamurias imaginárias de verdades construídas historicamente.

A dança e o sorriso ganha maior território na praça, a praça não é mais a mesma, ali ninguém é mais o mesmo. A dança e o sorriso faz da praça um outro território, fotografias são tiradas, pessoas param com os olhos assustados, os carros continuam, uma rede densa se mostra. O território ali parece ser mais real que o coreto de uma Paris fantasiada. Tempo e espaço se organizam, passado, futuro, o presente explicitado no rosto de cada um. A história sendo contada pelas mãos e os olhos de quem sempre foi negado o direito de falar. O subsolo sendo remexido, as inventadas tradições construídas para manter a ordem de um Estado chamado Mato Grosso do Sul questionadas por um por um júri que faz do sorriso a ironia a um modo de viver educadamente perverso.

Sorriso que faz pensar no próprio corpo, meu e de muitos, que o apelo ao desenvolvimento hegemônico e homogêneo é um delírio. Que faz, com um ponto final, a fundamentação da exploração de pessoas por pessoas, e dessas mesmas pessoas em relação a natureza. Faz pensar que o modo de viver fundamentado pelo desenvolvimento só cria ilusões para camuflar o desespero humano, que do mesmo desespero faz o desenvolvimento viver, e nós, que passamos de carro, sobrevivemos. Desenvolvimento que vive delirante por cima e por baixo da pele.

Chuva de agrotóxico, chuva de sangue, chuva de pouca água, chuva de crenças de salvação, chuva de dominação, chuva de precariedade, chuva que não permite mais brincar na rua. Hoje o dia está chuvoso. Hoje o dia lembra os escritos de Kafka:

Esse coronel portanto domina a cidade. Acredito que não apresentou a ninguém, ainda, um documento que lhe dê direito a isso. Certamente ele não tem nenhum documento dessa natureza. Talvez seja realmente um arrecadador-mor de impostos. Mas isso é tudo? Isso o autoriza a mandar também em todas as áreas da administração? Seu posto é muito importante para o Estado, mas para o cidadão não é, decerto, o mais relevante. Entre nós tem-se quase a impressão de que as pessoas dizem: “Agora que você tomou tudo o que nós tínhamos, por favor leve-nos também.” (KAFKA, 2002)

Passos.

“A história que contei parece irreal porque nela se misturam os acontecimentos de dois homens diferentes” (BORGES, 1949)

O escrito que vai percorrer pelos sentidos do leitor é um esforço reflexivo metodológico para pensar com os Guarani, neste caso, os Ñandeva, que estão situados na fronteira do Brasil com o Paraguai na terra indígena Porto Lindo Yvy Katu, no município de Japorã, Mato Grosso do Sul. Escrito que exige a atenção do leitor para todos os detalhes que podem ser visto de longe e de perto. Que podem ser visto pela verticalidade e pela horizontalidade que um texto, no seu escopo de termino para ser apresentado e que suas *rasuras* (DERRIDA, 2001) permitem.

Dia (31/08/2016)

Em conversa no ambiente universitário com dois conhecidos Guarani Ñandeva, iniciamos uma negociação para a construção do campo de pesquisa. Eles estão em processo de construção de uma dissertação, eu em processo de construção de uma tese. Nos encontramos na universidade toda semana (neste ano de 2016), almoçamos juntos, as vezes dou carona para eles, vamos no mecânico, tomamos mate e terere, pitamos (fumamos cigarro de palha), damos uma volta para conhecer Campo Grande, conversamos por um bom tempo sempre quando nos encontramos. A gente se ajuda, eu com o que ajudo, e eles com o que ajudam. Nos ajudamos no sentido de diálogos de conhecimentos e de coisas concretas (almoço, erva mate, tabaco, café, casaco, e-mails com artigos, livros e outras coisas). Movimento de negociação onde se formam ideias, possibilidades e ações concretas. Movimento que permitiu chegarmos em uma conversa em relação a organização do campo de pesquisa para os três, eles com o processo de pesquisas para o mestrado, e eu com o processo de pesquisa para a doutorado. Campo que para eles esta na aldeia e fora da aldeia (os rezadores Guarani se preocupam com os povos indígenas e com os não-indígenas, pois todos somos guardiões - *Y'vy Pora* - do planeta terra, fala pronunciada por um dos Guarani Ñandeva). Campo que para mim também esta dentro da aldeia Porto Lindo Yvy Katu e fora da aldeia. Um dos Guarani Ñandeva tem como objetivo de pesquisa a reflexão

ambiental a partir da complexidade sensível do *Y'vy Pora*, como movimento de um etnografia comparada de reflexão sobre a questão ambiental, o Eliezer tem como objetivo de pesquisa a reflexão sensível em relação ao fogo domestico e os modos de cuidado do Guarani Ñandeva com as crianças.

A negociação do campo, para o caminhar concretamente na aldeia, cada um com seu processo de pesquisa, se forma quando eu explico com mais precisão sobre minha pesquisa e pergunto para eles se posso fazer meu campo de pesquisa junto com eles em Porto Lindo Yvy Katu, quando vou poder ajudar na escrita deles, e eles vão me ajudar como “guia” e também com a escrita. Porque também de alguma forma sou como guia deles na cidade. Para ficar mais claro, a imagem deste caminho de campo de pesquisa segue o seguinte processo: *vou acompanhar eles com as pesquisas deles, e eles vão me acompanhar com a minha pesquisa, e vamos escrever juntos*. Chegamos hoje, depois de quase seis meses de conversa, neste momento de negociação, de afinamento no sentido que podemos construir nossas pesquisas como um caminhar de dialogo, cada um concentrado no próprio trabalho, mas podendo auxiliar o trabalho do outro.

De alguma e de muitas formas Viveiros de Castro (2015) lembra-nos a seguinte questão:

[...] a intenção d'O Anti-Narciso é mostrar que os estilos de pensamento praticados pelos povos que estudamos são a força motriz da disciplina (VIVEIROS DE CASTRO, p.24)

Força principal, estilo de pensamentos complexos e próprios, que se organizam historicamente em um campo de alteridade entre humanos e não-humanos. Pensamentos que não conta somente a historia do próprio, mas de uma realidade ampla que atravessa os limites do mar. Pensamentos estes, epistemologias rebuscadas e concretas, filosofias que organiza modos de vida, modos de cuidado e modos de ser, propício como um espelho crítico para aquilo que dizem como sociedade envolvente, ou “moderna”.

O que exige a todo instante o cuidado ético e êmico do pesquisador (a) na ação de caminhar com o Outro, na ação da escrita com o Outro. Momento onde este Outro é o “pesquisado” se podemos dizer assim, e o pesquisador, um jogo denso e

possivelmente dialógico, onde a escrita tem um objetivo, onde caminhar tem um objetivo organizado no ato de seguir o campo, os atores humanos e não-humanos.

O que segue o ideário de Latour (2008), quando escreve:

“[Se] desejamos que nossa pesquisa seja respeitada do ponto de vista histórico, é preciso que evitemos usar de forma superficial a língua destes atores em nossas próprias explicações” (p.21).

Ideário que lembra a todo instante as prudências da escrita, a prudência da fala, do discurso construído com as sociedades originárias, ameríndias. Um tecido complexo que escapa as mãos a todo instante, pois não tem objetivo de ficar preso a mão nenhuma, mas se comporta mais como um rizoma e um *de-vir* (DELEUZE, 2011), a possibilidade real da produção de conhecimentos como potencialidades revolucionárias, para dentro e para fora de uma sociedade originárias. Pois, pensar com os Ñandeva é pensar o próprio que se move como próprio, e o todo que equivale a modos de vida geralmente pautados por uma organização esquizoide, ou cindida, por estar atribulada as invenções precária da “modernidade”. De frente a espelho o humano do trânsito e da conta corrente se pergunta antes de dormir: como posso sorrir?

Por isso, fica a pergunta: como é construído a escritura das pesquisas? Qual o compromisso para o interior das sociedades originárias/ameríndias, e para o entorno, que sempre se prende nas lacunas de qualquer escritura? Pergunta que ecoa como sentido de não resposta, mas como processo de construção de trabalhos nos variados campos que atuam com as sociedades originárias/ameríndias. Para pensar talvez as disciplinas para além das disciplinas, como, para pensar a psicologia para além da psicologia, para pensar o desenvolvimento hegemônico e homogênea para além do desenvolvimento, mas sim como potencialidade revolucionária e criadora. Não para levantar pastagens de soja, formulas de normalidades e edifícios, mas para levantar vidas. Vidas em carne viva.

Pois, como lembra Viveiros de Castro (2015):

Aceitar a oportunidade e a relevância desta tarefa de “*penser autrement*” (Foucault) o pensamento – de pensar “outramente”, pensar outra mente, pensar com outras mentes [...] (p.25)

Ação de pensar com as outras mentes que faz do jogo a possibilidade para além da simétrica, mas sim para a possibilidade da inversão. De pensar e construir com as outras mentes, se deparando com um jogo que não permite que no seu final o vencedor seja, como é muitas vezes aquele que tem o poder instituído do “conhecimento” dentro da sociedade “moderna”. Mas, onde o vencedor seja as sociedades ameríndias, movimento tecido dentro de uma organização complexa, tecida pelo pensar e pelas ações políticas e sociais. Pela desconstrução de sistemas que chegam as sociedades originárias/ameríndias, e se esquecem de pedir licença. Se esquecem de reduzir a marcha (LATOUR, 2008), de se reconhecer agindo, de reconhecer e inverter com o Outro.

Movimento que equivale a noção do *entre*, quando Deleuze (2011) sugere a seguinte reflexão:

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Entre que pede licença para a noção do *inter*, pois assume literalmente a diferença e não busca um local fabricado de junção, mas aciona constantemente a velocidade do meio, quando só no espaço do *entre* que o pesquisador pode escrever/pode falar, pode radicalmente acionar o movimento de inversão. Inverter os constantes jogos no campo dos conhecimentos, das políticas, dos poderes, das economias e dos sistemas.

21/09/2016

No meio da tarde, uma colega de doutorado chega apressada e ofegante na sala depois do intervalo. Uma colega de doutorado que tinha acabado de tomar café comigo e mais alguns da sala, estava passando mal na sala de recepção dos doutorados. Eu e mais alguns, fomos ver o que estava acontecendo. Duas colegas ligaram para a ambulância de pronto socorro e eu procurei ajuda com os estagiários de enfermagem, no caso, encontrei um estudante indígena que cursa enfermagem, e que acompanhou

todo o processo, e ficou com a colega até chegar a ambulância. A colega estava tendo uma grave crise de ansiedade, composta por vômitos, crise de choro e enrijecimento muscular. O que me permitiu pensar rapidamente que o ocorrido com a colega explicitou um tema de fundo, latente, ou oculto dos estudantes pós-graduandos. A colega cursa o doutorado, trabalha e é mãe. De volta para casa, são dezessete quilômetros da universidade até minha casa, ou melhor, quarenta minutos de carro, dezessete quilômetros que me fez deparar neste dia com dois acidentes de trânsito e muitos outros quase acidente, mesmo trânsito que no dia 01/10/2016 os dois conhecidos Guarani Ñandeva se acidentaram quando voltavam para sua terra indígena. Um acidente que não se concretizou ferimentos, mas eles decidiram ficar duas semanas em sua terra indígena, pois ficaram muito assustados e abalados, e um deles teve que recorrer a unidade básica de saúde do município para ficar em observação, por conta do susto e de uma crise estomacal que se desenvolveu depois do acidente.

Nesse mesmo caminho de volta para casa, neste mesmo trânsito onde meus colegas Guarani Ñandeva sofreram um acidente de carro. Neste mesmo trânsito movido por pessoas que vão de um trabalho para outro, que saem de um trabalho que não preenche nenhuma brecha do seus existenciais, ou de possibilidade de viver. Neste mesmo trânsito que é acalmado por remeios para dormir, e volta, com remédio para acordar. Neste mesmo trânsito que ultimamente algumas pessoas se dispõem com o compromisso de gritar a necessidade das demarcações das terras indígenas e que a morte de homens e mulheres indígenas historicamente (ver anexo - imagem III e IV), muitas vezes parece naturalizado.

Neste mesmo trânsito, lembrei de uma conversa, que tivemos no dia 31/09/2016. Debaixo de uma árvore do estacionamento da universidade, sentados no meio fio e tomando um terere, ouvi a seguinte reflexão de um deles: che amigo, conversei com um rezador antigo da minha aldeia, e ele me explicou que Y significa água, que é a primeira palavra de Tupã, Y'vy significa terra, que é a segunda palavra de tupã, Y'vy Kera significa planta, que é a terceira palavra de Tupã e Y'vy Pora significa a quarta palavra de Tupã. Entendeu che amigo, para nós, os Guarani, nada está separado, nós e todos do planeta terra somos guardiões do planeta. Isso que vou estudar. Que a gente só existe por causa do Y'vy. Se o Y'vy Pora não cuidar do planeta, o planeta vai acabar.

Não tenho capacidade para compreender a complexidade e o rebuscamento desta organização e construção de conhecimento, desta epistemologia. O que posso somente é buscar a construção de um diálogo, de caminhar com, de construir conhecimento no espaço do entre, na tentativa de ser uma formiga feliz em meio de muitos que buscam dê ocultar e confeccionar simetrias no campo do conhecimento, político e social. Uma formiga que caminha ao lado para que estas epistemologias estejam em primeira-pessoa no imenso jogo que tem o desenvolvimento homogêneo e hegemônico como nutridor de uma realidade desligada do Y'vy Pora, um exemplo. No dia de hoje ficaram as perguntas para desenhar e caminhar um trajeto metodológico que possibilite construir o campo com os Guarani Ñandeva, construir a escrita com os Guarani Ñandeva, falar com, entre, para a possibilidade de etnografias simétricas e comparadas.

No dia 30/09/2016 um dos Guarani Ñandeva, que caminhamos juntos pela universidade, que além de cientista social e mestrando em educação, neste dia também se apresentou como rezador, conhecedor de rezas e de medicamentos tradicionais. Ele me pediu novamente a fotografia (ver anexo - imagem V) que tenho como protetor de tela do meu computador, que fotografei na terra indígena Guarani e Kaiowá Te'yikue que fica no município de Caarapó, depois de uma conversa com o rezador Lídio. Pedido que me traz muitas perguntas, pelo o que significa a imagem em primeiro lugar, e por ser esta a imagem que em Abril do 2016 ele usou na mesa no qual ele, o outro colega Guarani Ñandeva e eu, dividimos. Mesa-redonda intitulada Ñande Jaguata: povos indígenas, autonomia e psicologia. Atividade que se desenvolveu a partir de um convite feito para mim, o que permitiu a ação de convidar estes hoje meus colegas, para dividir a mesa-redonda em uma universidade da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Perguntas que se une a apreciação dos meus orientadores em relação ao início da pesquisa. Escute, caminhe junto e siga os atores da pesquisa. Construa campo etnográfico com e seguindo os atores. Isso foi no dia 09/10/2016.

Um dos elementos que torna o trabalho de campo desafiador é ele ser realizado tendo em mente sua atividade muito diferente: a escrita. (STRATHERN 2014, p.345).

Referencias bibliográficas.

BORGES, J. O Aleph. Editora Companhia das letras: São Paulo, 2008.

DELEUZE, G. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 vol. 1. Editora 34: São Paulo, 2011.

DERRIDA, J. Posições. Editora Autentica: Belo Horizonte, 2001.

KAFKA, F. Narrativas do Espólio. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2002.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos. 4ª. Reimpressão, Editora 34: Rio de Janeiro, 2008.

STRATHERN, M. O efeito etnográfico e outros ensaios. Editora Cosac & Naify: São Paulo, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Metafísicas Canibais: elementos para um antropologia pós-estrutural. Editora Cosac & Naify: São Paulo, 2015.

Anexos.



(Imagem I. Descrição: manifestação em relação a morte de um homem Kaiowá e a favor das demarcações das terras indígenas em Mato Grosso do Sul. Local: Campo Grande. Data: 17/10/2015. Autor: Yan Leite Chaparro)



(Imagem II. Descrição: manifestação em relação a morte de um homem Kaiowá e a favor das demarcações das terras indígenas em Mato Grosso do Sul. Local: Campo Grande. Data: 17/10/2015. Autor: Yan Leite Chaparro)



(Imagem III. Descrição: manifestação em relação a morte de um homem Kaiowá e a favor das demarcações das terras indígenas em Mato Grosso do Sul. Local: Campo Grande. Data: 07/10/2015. Autor: Yan Leite Chaparro.)



(Imagem IV. Descrição: manifestação em relação a morte de um homem Kaiowá e a favor das demarcações das terras indígenas em Mato Grosso do Sul. Local: Campo Grande. Data: 03/09/2015. Autor: Yan Leite Chaparro.)



(Imagem V. Descrição: Vyra Marangatu. Local: Terra Indígena Te'yikue, no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul. Data: 07/09/2013. Autor: Yan Leite Chaparro.)